



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

PARA ALÉM DO TURISMO: O PELOURINHO E SEUS ESPAÇOS INSUBMISSOS

JAMILLA REIS GOMES¹

LUAR VIEIRA SANTOS²

Resumo: Esse artigo tem como objetivo analisar algumas ocupações culturais afro diaspóricas realizadas no Centro Histórico de Salvador – CHS, que permanecem e resistem ao processo de restauração do Pelourinho, que ocorre desde 1992. Na primeira parte dessa produção pretende-se destacar o processo de transformações socioespaciais, espetacularização do espaço do Pelourinho e uma análise das condições sociais dos sujeitos excluídos considerados inconvenientes para permanecer no local. Na segunda parte, destaca-se a construção dos contra-usos das manifestações culturais que se apresentam como insurgências pois fogem da lógica de produção cultural homogeneizante e de consumo que foi projetada discursivamente para ser o referencial de cultura baiana. Atualmente, os excluídos do Pelourinho continuam na disputa pela permanência em seus territórios nesse lugar que foi projetado espaço para ser um shopping center a céu aberto como exposição de uma forjada baianidade.

Palavras-chave: cultura negra, espetacularização, resistências.

Introdução

Há diversas maneiras de abordar a temática da cultura negra e suas representações na cidade de Salvador-Bahia. Aqui buscamos uma especificidade no que diz respeito às manifestações culturais, que indicam a arte e a política como formas de expressão que se relacionam com o lugar e a paisagem ao qual estão inseridas. Dessa maneira, Kevin Lynch (2010) nos aponta para a potencialidade das cidades enquanto símbolos poderosos e complexos das sociedades. De acordo com esse autor, a construção da imagem da cidade, pertence ao coletivo e pode ter sua base na paisagem urbana, que é constantemente reconstruída a partir de discursos que se apoiam em experiências estéticas como a literatura, a música e o cinema. Essa “imagem pública”, que é construída ao longo de tempo no imaginário, processualmente elaborada, é também disseminada por slogans e publicidades, como as cidades de Paris, Rio de Janeiro e Salvador.

Assim, os signos, os símbolos e os textos, revelam o campo simbólico de disputa apropriado e vendido como potencial turístico. Com bases estratégicas de turismo, o

¹ Geógrafa POSGEO-UFBA. jamilareisgomes@gmail.com

²Arquiteta, Urbanista e Paisagista - UFBA. luarvieira@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

governo do Estado da Bahia, durante os anos 90, investe massivamente na venda da imagem da cidade de Salvador, como a Roma Negra, criando destinos, notadamente, àqueles que congregasse a cultura, turismo e lazer. (SANT'ANNA, 2017)

O modelo atual de produção do espaço urbano reproduz cada vez mais os processos excludentes, pelo seu uso fragmentado como situa Corrêa (1991), ao considerar que o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condição social, campo simbólico e de lutas de classe. Nesse contexto, o Centro Histórico de Salvador, após a requalificação de 1991, seguiu uma tendência mundial de valorização dos centros históricos das cidades, que sucederam transformações sócio-espaciais, alterações funcionais e exclusão de moradores. Esse espaço social e histórico foi apropriado por dinâmicas pautadas pelas leis do capital cultural e imobiliário (Leite, 2007), sendo um lugar destinado ao turismo.

Ao evidenciar tais transformações e a mercantilização no Centro Histórico, uma questão fundamental que motiva esta pesquisa, é ressaltar as potencialidades das manifestações culturais produzidas de maneira independente que atribuem outros sentidos de uso no espaço urbano, que implica um discurso contra-hegemônico, que ultrapassam a cultura de consumo, ressignificando a produção cultural negra. Essas práticas, criam maneiras subversivas de ocupações, pois fogem da lógica homogeneizante de cultura e ao discutir sobre as manifestações culturais, na capital mais negra do Brasil, é também falar sobre os lugares aos quais foram fadados para a população negra soteropolitana.³

O Centro Histórico de Salvador, após a requalificação de 1991, seguiu uma tendência mundial de valorização dos centros históricos das cidades, que sucederam transformações socioespaciais, alterações funcionais e exclusão de moradores. Esse espaço social e histórico foi apropriado por dinâmicas pautadas pelas leis do capital cultural e imobiliário (Leite, 2007), sendo um lugar destinado ao turismo.

³ Com base em dados do IBGE, em 2017, 8 em cada 10 moradores de Salvador eram negros, ou seja, se autodeclararam de cor preta ou parda. Os negros (pretos + pardos) somavam 2,425 milhões, ou seja, 82,1% das 2,954 milhões de pessoas que viviam na cidade naquele ano.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Pelourinho: um breve histórico

Fundada em 1549, Salvador foi por 200 anos, a sede o Governo Geral do Brasil, implantada sobre os sítios de níveis topográficos acidentados, nomeados Cidade Alta e Cidade Baixa e cercados pela Baía de Todos os Santos, mas ligados posteriormente pelo Elevador Lacerda. A cidade teve forte influência econômica do ciclo da cana-de-açúcar até 1763, quando a capital da Colônia foi transferida para o Rio de Janeiro.



Imagem 01: Pelourinho, 1859 – Ben Mulock.

O Centro Histórico de Salvador - CHS, é um pólo administrativo, político, religioso e residencial colonial se estrutura, com as construções de igrejas e casarões que abrigavam a elite baiana, senhores de escravos e comerciantes. O CHS, compreende as regiões da Praça da Sé, do Terreiro de Jesus, do Largo de São Francisco, Santo Antônio Além do Carmo e Pelourinho.

No século XIX, os casarões que serviam como habitação não contavam com saneamento básico nem água limpa. O escoamento os dejetos eram feitos através da exploração do trabalho escravo, os negros eram responsáveis por fornecer esse serviço a seus senhores, situação comum na capital da colônia. Assim, os padrões de moradia começaram a mudar e trazer novas exigências. Por isso a elite colonial migrou para os outros bairros da capital como Barra e Graça que ofereciam maior oferta destes serviços



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

básicos. Logo o Pelourinho símbolo do luxo e poder não servia mais para abrigar elite colonial.



Imagem 02: Largo do Pelourinho, 1950 antes da revitalização – Autor Desconhecido

Chegamos no século XX e ao contrário do que pensavam, o Pelourinho não ficou desocupado. Os casarões vazios abrigariam pessoas como ex-escravos e imigrantes, eram distribuídos em forma de cortiço⁴, ou subdivididos em diversos cômodos. Muitas vezes, superlotados e sem saneamento básico. A falta de preocupação do poder público levou a sua rápida degradação e abandono, onde por muitos anos persiste o estigma de uma área habitada somente por criminosos e prostitutas.



⁴ Habitação coletiva onde as instalações sanitárias são comuns.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



Imagem 03: Cortiços no Centro Histórico – Autor Desconhecido

Em 1985, o CHS, foi considerado pela UNESCO, como Patrimônio da Humanidade. “Abandonados”, era preciso conter a degradação dos casarões, a Prefeitura Municipal de Salvador- PMS, convidou a arquiteta Lina Bo Bardi para realizar o projeto de requalificação. A arquiteta preliminarmente preocupou-se em respeitar os aspectos culturais e sociais ali presentes. Assim através da gestão do então governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, o CHS recebe o projeto nomeado "Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador", seu processo projetual foi realizado em várias etapas que acabou mudando as ideias preliminares de Lina, mantendo o enfoque somente no marketing urbano voltado para turismo. Esse processo de gentrificação mudou a função dos casarões de moradia para comércios e serviços.

No século XX, foi iniciado um processo de “higienização” social do CHS, para uma possível recuperação/maquiagem urbana, essa ação foi realizada com maior ênfase no Pelourinho, pois o cartão postal da cidade, não poderia transparecer sua vulnerabilidade. Com ajuda da Polícia Militar, os moradores e as pessoas em situação de rua majoritariamente negros, sofreram todos os tipos de violência, quando arrancados à força de seus territórios. Muitas lágrimas rolaram, nos rostos negros tristes, que perderam os seus lugares, que mesmo em condições de habitabilidade precária, esse lugar foi escolhido para chamar de seu, assim forçados a se reterritorializar uma nova realidade. Tudo isso, para tornar o espaço agradável e harmônico para o turista.

De acordo com o Governo do Estado em 1992, “Acreditava-se que a aliança entre consumo, lazer e cultura, num ambiente histórico único, igualaria os outros shoppings da



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

cidade, gerando uma dinâmica que contaminaria saudavelmente as quadras vizinhas (...), viabilizando o Centro Histórico". Segundo (JACQUES, 2002), o patrimônio cultural passa, assim a ser vista como uma reserva, um potencial de espetáculo a ser explorado. Onde o poder público e o privado utilizam-se da cultura como estratégia na realização desses novos projetos de revitalização urbana.

Para (TUAN, 1983), "experiência é aprender, compreender; significa atuar sobre o espaço e poder criar a partir dele". Mas o desejo por alcances internacionais que o marketing urbano cria e promove cenários para encantar, atraindo a atenção dos holofotes, onde o desrespeito a memória e a cultura dos moradores locais é uma das principais características dessa ideologia. Em (RODRIGUES, 1995), temos que:

Esta população continua voltando como se voltasse ao ponto de partida, como se, movida por um banzo ou por um sentimento de saudade, continuasse a dizer: "Eu continuo vivendo nessas casas". Só que as casas agora são da Benetton, do Boticário, brevemente o Mc Donald's e de uma série de organizações e de instituições que tradicionalmente renegam a população negra até mesmo no papel de consumidor".

Como texto acima se refere "a população continua voltando", isso porque criaram suas raízes no CHS e nele buscaram outros subsídios além da moradia, como, trabalho, como lazer, seu alimento e as insurgências. Mas através da cultura que o espaço negro promove seu fortalecimento, de acordo com (CASTRO, 2004), o Pelourinho guarda em cada rua, ladeira e beco... segredos, encantos, desencantos, magias... Inspiração e fascínio de vários poetas, pesquisadores, pintores, escritores, artista de rua. Dentro dessa premissa, mostraremos como as manifestações afro diaspóricas inscritas dentro e fora deste território, influenciam a cultura negra na atualidade com os mesmos princípios do passado, iniciamos assim com as palavras de REIS, (1983):

(...) o escravo africano soube dançar, cantar, criar novas instituições e relações religiosas e seculares, enganar seu senhor, às vezes envenená-lo, defender sua família, sabotar a produção, fingir-se doente, fugir do engenho, lutar quando possível e acomodar-se quando conveniente. Esse verdadeiro malabarismo histórico resultou na construção de uma cultura da diáspora negra que se caracteriza pelo otimismo, coragem, musicalidade e ousadia estética e política incomparáveis no contexto da chamada Civilização Ocidental viver é lutar, sobreviver e ainda criar uma cultura com a expressão de liberdade que a cultura negra possui, é lutar dobrado (...)



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A luta dobrada do processo de formação da cultura negra no Brasil, especialmente em Salvador, teve início através do maior regime de migração que não foi em momento nenhum visto e marcado na história de outro povo. Trazidos em milhões, retirados à força de suas terras, persistiu no povo negros o desejo de reterritorializar-se e foi através do Axé⁵ pelo Candomblé, da cultura negra deu seus primeiros passos. Conforme, (SODRÉ, 1988):

(...) o patrimônio simbólico do negro brasileiro afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso, para sua transmissão e preservação. Perdida a antiga dimensão do poder guerreiro, ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a possibilidade de se 'reterritorializar' na diáspora através de um patrimônio simbólico consubstanciado no saber vinculado ao culto dos muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais (...)

A Capoeira, uma festa que se transformou na mais bela forma de defesa, essa manifestação cultural da corporeidade humana, é baseada em um diálogo corporal, ou seja, o jogador passa a conhecer o seu corpo em todas as formas e expressões! Como conta, (GUIMARÃES, 2002), no entanto, contendo elementos de expressão corporal, como a ginga, acrobacias e floreios, e de comunicação, como o canto e a música, a capoeira permaneceu viva na cultura popular brasileira e assim se manteve desde os primórdios da nossa história. O autor ainda revela que, um dos maiores representantes da Capoeira no Brasil - Mestre Pastinha, idoso e quase cego, teve a seu espaço social de amor, cultura, luta, resistência e ancestralidade, tomado pelo Governo da Bahia para a "recuperação e higienização" do Pelourinho. Prometeram o ressarcimento da sua academia, mas nunca cumpriram, o Mestre Pastinha, passou seus últimos de vida no abrigo para idosos Dom Pedro II e em 1981 morre cego, paralítico e abandonado. Em suas palavras a Capoeira representa:

"Mas o que serve para a defesa também serve para o ataque. A Capoeira é tão agressiva quanto perigosa. Por causa de coisas de gente moça e pobre, tive algumas vezes a polícia em cima de mim. Barulho de rua, presepada. Quando tentavam me pegar, eu me lembrava do Mestre Benedito e me defendia. Eles sabiam que eu jogava capoeira e queriam me desmoralizar na frente do povo. Por isso, bati alguma vez em polícia desabusado, mas por defesa de minha moral e do meu corpo." (Mestre Pastinha, Disponível em: <https://capoeiraexports.blogspot.com>, Acesso 19 de Agosto de 2019).

⁵ Saudação presente no candomblé que representa a força da vida, poder de transformação e realização.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Com o surgimento do Carnaval em 1884, considerado a maior manifestação popular mundial. Chamado de “candomblé de rua”⁶ com raízes vinculadas à religiosidade afro brasileira, “ocupação” deste espaço na sociedade foi nomeado de Afoxé. Saiam pelas ruas cantando, dançando e recitando poesias de valorização do corpo negro contra o racismo. Segundo (Sodré, 1988), em 1902, os afoxés pediram licença à Prefeitura de Salvador para desfilar, o que lhes fora negado. Ciente que os espaços dos clubes não estavam ao alcance de todos, por isso as ruas continuaram a ser frequentadas pela população negra. Isso porque o sistema de “recuperação e higienização” possuía a vontade de desfrancizar os espaços. Onde os mais conhecidos são os Filhos de Gandhi, o Ilê Aiyê, Malê de Balê, Muzenza.

A influência musical Jamaicana chega no Brasil, através do Rap criado em 1960 quando em 1970, levado para os Estados Unidos, o rap se fortaleceu nas ruas do bairro do Bronx, um movimento negro com propósito político-cultural. Onde as ruas são movidas pelas vozes às vezes acompanhada de um ritmo sonoro, que muitas das vezes faz papel secundário. Outra influência da musicalidade da Jamaica difunde outro gênero musical, surgido em Salvador o Samba Reggae, que mistura o Samba e o Reggae jamaicano vem como fortalecimento da figura do negro, “suas músicas eram carregadas de conteúdo anti-racista, produzindo uma espécie de samba-reggae pop/eletrônico.

Assim outros ritmos vieram, com o Axé music, o Olodum, a Timbalada, o pagode, todos eles promovem a reunião da juventude negra periférica e revelam que além de fortalecer os laços culturais, apropriar-se devidamente das raízes pode ser uma maneira de mudar vidas. Apesar de poucas bandas de pagodes terem um propósito político; nos anos 2000, desabrocha a banda Fantasmão, onde suas letras falavam sobre fortalecimento da cultura negra, os problemas sociais da cidade e religiosidade afro brasileira. Na atualidade algumas bandas baianas apostam nas misturas ritmos sem uma denominação fixa, apenas com um único propósito, propagar a cultura afro baiana e mostrar como os negros criam estratégias para resistir na reinvenção das formas de lutar para ocupar todos os espaços. Assim reforça, (SANSONE, 2004): ‘nova cultura negra

⁶ SODRE, Muniz. (1988). O Terreiro e a Cidade. Petrópolis: Editora Vozes.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

baiana' difere da tradicional ao se forçar na cor e no uso do corpo negro, ao estreitar ligação com a cultura juvenil e com indústria do lazer e da música, ao orientar-se internacionalmente e ao atribuir ênfase renovada no consumo. O autor mostra que a cultura negra revela exemplos de identidade; uma coletiva e outra individualizada, mas com bases no orgulho negro. Mas as inquietações não param por aí, queremos saber onde encontrar outros espaços de cultura negra 'fora da rota'⁷?

Entendendo o espaço urbano a partir das manifestações culturais negras

Referente ao espaço urbano contemporâneo, é preciso perpassar algumas questões que são centrais à lógica das cidades e a reprodução das relações capitalistas. O espaço é ocupado por diferentes funções: trabalho, habitação, consumo, lazer etc.; e que pelo crescimento das cidades, se evidencia a diferenciação e concentração dos serviços em determinadas áreas implica a separação entre centro e periferia. Nas palavras de Corrêa (1993, p.7):

O espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos em si. Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aqueles de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado.

Elucidar as maneiras criativas de apropriação dos antigos casarões no Pelourinho como formas de rupturas e construção de um espaço de insurgências, que envolvem mecanismos coletivos, lúdicos, subjetivos, motivadas por sentimentos de esperança e solidariedade, praticados por cidadãos que encontram na arte uma forma de sobrevivência, articulam elos que contribuem para a compreensão da cidade e seus aspectos sociais e culturais.

A fim de aprofundar a análise sobre Centro Histórico, nos baseamos em aspectos colocados por Milton Santos (2005). O entendimento do território, pensado dessa

⁷ Nomeamos aqui os espaços 'fora da rota', aqueles espaços que possuem uma forte presença da cultura negra, mas ainda pouco conhecidos.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

maneira, como expressado por Milton Santos (2005), no qual o autor desenvolve a necessidade de pensar o uso do território a partir da cultura e cotidiano:

É necessário abrimo-nos a outras soluções fundadas no tripé: território, cotidiano e culturas. Gente reunida é produtora de economia, criando, conjuntamente, economia e cultura. E sendo produtora de cultura, também é produtora de política. O país “de baixo” é uma fábrica de manifestações genuínas, representativas, autênticas. É aí que se concentra a riqueza da improvisação. Essas formas espontâneas, ou quase, tanto são alimentadas das tradições quanto das inovações. Esse mundo dos homens lentos é que lhes permite fruir, gozar, ampliar a cultura territorializada, onde se dá a fusão entre tempo e lugar, como expressão da vida em comunhão, na solidariedade e na emoção (SANTOS, 2005, p.36).



Imagem 04: O centro antigo Sangra/espetacularização da cultura. (Centro Histórico – Salvador-Ba)
Fonte: acervo pessoal da autora

Ao evidenciar tais transformações e a mercantilização no Centro Histórico, uma questão fundamental que motiva esta pesquisa, é ressaltar as potencialidades das manifestações culturais produzidas em antigos casarões que atribuem outros sentidos de uso no espaço urbano. São eventos festivos, em sua maioria realizada de formas autônomas e independentes, criam maneiras subversivas de ocupações, pois fogem da lógica



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

homogeneizante de cultura. Nesse sentido, trazemos as experiências da Casa Cultura Reggae, Casa D - Espaço Cultural D ideia e o Pelô Hall.

A Casa Cultura Reggae, localizado na praça Jubiabá que foi inaugurada em 1994, e fechada em 1998 por abandono. Quando em 2008 foi reinaugurada com parque infantil e ocupada por moradores do Centro Histórico. Com o decorrer dos anos foi sendo desocupada por falta de iluminação e a retirada do parque. No período entre 2018 e 2019 a Casa Cultural Reggae, vem sendo palco de diversas movimentações culturais, como a edição As Minas tá na Bruna, uma edição especial que uniu o Slam das Minas BA e a Batalha das Bruxas durante o Flipelô, em agosto de 2019. (promovido por mulheres do hip-hop soteropolitano, a Batalha das Bruxas é uma batalha de rimas feito por mulheres e para as mulheres), O lançamento em setembro de 2019 do documentário Dedos Sujos, documentário sobre arte urbana e pixação baiana. Assim como reuniões de agentes envolvidos com a cultura reggae da Bahia, para construção de ações e manutenção das atividades do espaço.

A Casa D, o Espaço Cultural D Ideia, está localizada na Rua do Passo, Pelourinho, Rua do Passo, 43. Pelourinho - é um espaço que tem por objetivo fomentar uma produção cultural de diversas linguagens artísticas, envolvendo uma narrativa que cria elos entre arte e política. A Casa D, abriga o movimento de resistência entre os bairros do Pelourinho e Santo Antônio Além do Carmo, e se destaca por ser um dos principais movimentos de rua ativo na Rua do Passo. São discutidas pautas, ligadas à cultura, diversidade e memória do CHS.

Durante as quintas-feiras, no Pelô Hall (Antigo Anglo Saxon Pub), acontece o Boomba Sounds, a cultura *sound systems*, conectada com elementos culturais e práticas de influência de matrizes africanas, desde modos de se comportar, discursos politizados, a tipos específicos de músicas da cultura negra. O evento atua de maneira totalmente independente contando com a colaboração do público que frequenta. O espaço cultural promove formas de sociabilidade, onde são convidados artistas independentes e atuantes na cidade de Salvador.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Esses casos de ocupações culturais, pode sugerir um uso sensível e democrático do espaço público, ou um contra-uso, como expressa Leite (2007):

Certos contra-usos podem contribuir para politizar “taticamente” uma paisagem urbana também politizada “estrategicamente” pela gentrificação, para argumentar que a desapropriação de “sujeitos” não reduz o sentido público do espaço urbano, mas pode representar uma reordenação da sua lógica interativa, a partir das apropriações (“táticas”) dos espaços mediante a construção dos lugares. (LEITE,2007, p. 19)

Esses locais funcionam como guetos negros, localizados em casarões que fogem da rota turística do Pelourinho. São autênticas manifestações produzidas por agentes que almejam possuir uma significância cultural, de modo que dão sentido de pertencimento que se utilizam da arte para enunciar de forma eloquente os discursos de resistência. A Imagem 05 abaixo, indica a localização desses casarões.



Imagem 05: Mapa de Localização dos Espaços Negros, 2019
Fonte: googlemaps.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Considerações finais

Acreditando na importância e o papel que essas manifestações culturais urbanas que ocupam a cidade e mantêm o território vivo, a cultura negra eclode como produção de valores, gritos e ruídos de reivindicações a participação efetiva no Centro Histórico de Salvador de maneira democrática e descortinando o planejamento urbano carregado de ideologia de uma classe dominante que oculta diferenças e legitimam a lógica de produção hegemônica.

Corpos negros que se contrapõem ao espaço opaco, assumindo uma posição de levante carregada por signos, paixões, ações, formas e métodos. Os espaços luminosos se diferenciam dos espaços opacos, aqui assumidos como os espaços onde acontecem as manifestações culturais, que para Milton Santos, “são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços de exatidão” (SANTOS, M., 1986, p. 261).

Acredito que os saberes presentes numa roda de capoeira, numa roda de samba, e tantas outras “rodas” de saberes que a cultura popular proporciona, onde pessoas se reúnem para partilhar suas alegrias e tristezas, esperanças e sofrimentos, e onde passado, presente e futuro se juntam num momento único de celebração da vida, são o patrimônio maior desse povo que dança, que ri, que canta e que chora, que mostra com sabedoria, simplicidade e beleza; a arte de estar sempre, apesar de tudo, insistindo em ser feliz. (ABIB, 2017)

A intenção deste artigo é ressaltar que existem diversas táticas e resistências excluídas do pelo processo de massificação da cultura negra, os seus elos ancestrais na sua multiplicidade de conhecimentos possíveis, sendo assim, listamos e referenciamos alguns espaços de cultura negra no Pelourinho, fora da lógica turística da forjada baianidade.

O entorno do Pelourinho, mesmo após a reforma continua a expressar as contradições e desigualdades da cidade de Salvador-Ba, assim como o processo excludente do



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

planejamento urbano da cidade. A expulsão da população negra e pobre do Pelourinho, fazem parte dessa história. Mesmo após os inúmeros processos de reformas, ainda permanecem gerações de moradores que resistem e vivem no Pelourinho e seu entorno. Contrariamente a todo esse processo higienista no Pelourinho os sujeitos continuam a denunciar através de articulações o que não está presente nos cartões postais turísticos.

Referências Bibliográficas

ABIB, Pedro. **Capoeira Angola, Cultura Popular e o Jogo de saberes na Roda**. 2ªed. EDUFBA, Salvador, 2017.

CASTRO, J. **De morador a mendigo do Pelô**. A Tarde, Salvador, 29 jan. 2004.

FONTOURA & GUIMARÃES. A & A. **História da Capoeira**. Relatório da Educação Física/UEM. Maringá, 2002. p. 10

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2 ed. Campinas- SP: editora da Unicamp; Aracaju- SE: UFS, 2007.

LOUREIRO. Bráulio. **Arte, cultura e política na história do rap nacional**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 36. São Paulo, Campinas, 2016. 7p

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. **Urbanização turística - um novo nexos entre o lugar e o mundo**. In: LIMA, Luiz Cruz (Org.). Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: Ed. UECE, 1998.17-18p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
Marcia Sant'Anna. **A Recuperação Do Centro Histórico De Salvador: Origens, Sentidos e Resultados**. RUA 8. PPGAU, UFBA, Salvador. 2002. 16p

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. **Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura** [online]. EDUFBA, Salvador. 2004. 184 p.

REIS, João José. **Resistência escrava na Bahia – “poderemos brincar, folgar e cantar...”:** o protesto escravo na América. **Afro-Ásia** – Revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO), Salvador, n.14, p. 107-123, dez. 1983.

RODRIGUES, João Jorge. **O Olodum e o Pelourinho**. In: Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes (Org.). **Pelo Pelô: História, Cultura e Cidade**. Salvador: EDUFBA, 1995. pp. 82-87



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

SANT'ANNA, Márcia. **A cidade atração: a norma de preservação de áreas centrais no Brasil dos anos 1990.** Salvador: EDUFBA – PPGAU-UFBA, 2017

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2005.

SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil.** Salvador/Rio de Janeiro, EDUFBA/Pallas, 2004.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel. 1983. 250 p.